



Editorial

Caros leitores! Bem-vindos à XIII edição do Newsletter Energia & Indústria Extractiva em Moçambique.

Nesta edição, em "Recursos naturais, boa-governança e desenvolvimento continuará o Desenvolvimento a ser uma promessa (eterna) para Moçambique?" temos a visão iluminante dos recursos naturais, boa governança e desenvolvimento, objectivo que Moçambique almeja alcançar.

Em seguida, nas vésperas da conferência do Rio+20, a já anunciada ausência dos EUA, Inglaterra e Alemanha, os presidentes da França, Rússia e Irão vieram confirmar as respectivas presenças em grande na conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável, em que a questão do ambiente continua a ser o grande calcanhar de Aquiles entre os principais intervenientes. Moçambique será um dos participantes.

A compra de sumptuosas porções de terras por parte de países estrangeiras na Ásia, América latina e África, incluindo Moçambique, é um dos temas que abordamos na presente edição.

Mais adiante, salientamos a vontade do presidente Guebuza sobre a possível instalação de uma fábrica de gás natural liquefeito (GNL) durante a sua visita a Grã-Bretanha manifesta em conversações com a Shell.

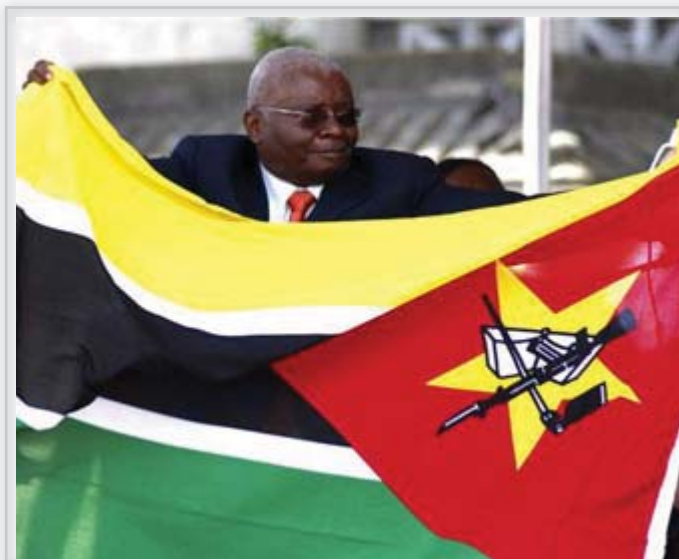
Importante é também partilhar o exemplo do Botswana como um exemplo a seguir quando o assunto é a gestão responsável dos recursos minerais.

Finalmente, trazemos até si a entrevista especial sobre o Projecto Media Energia Moçambique, recentemente premiado em Nova York, na categoria de Ouro, pela excelência na qualidade dos seus serviços com recursos a inovação por meio do uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação. ■

Ainda nesta edição:

Dez países que estão a comprar terras estrangeiras aos montes

Recursos Naturais, Boa-Governança e Desenvolvimento Continuará o Desenvolvimento a ser uma promessa (eterna) para Moçambique?



O fim de qualquer Sociedade Política, Estado, Comunidade é a felicidade geral, o bem-comum ou desenvolvimento dos seus membros.

Foi precisamente na antiguidade clássica, que a correlação entre o Estado, a Sociedade Política e o desenvolvimento afigurou-se bastante significativa. Foi Aristóteles, brilhante pensador e filósofo grego que na sua memorável obra "A Política" consagra que o fim de qualquer Sociedade Política é bem-comum, essa noção, que actualmente, é entendida como bem público, ou fins de Estado (Justiça, Segurança e Bem-Es-

tar).

Concretamente, foi com o advento da Revolução Industrial e suas manifestações sociais, técnicas e políticas; com a revolução científica, filosófica, especialmente, com o iluminismo que se elevou ao extremo a ideia e sobretudo a crença de desenvolvimento e da evolução das sociedades como sendo o fim último. Enquanto Aristóteles apregoava que, sendo o Homem um "animal político", isto é, um ser social por excelência, dotado de vontade gregária (associativa), o fim da associação entre os homens não era somente para viverem juntos, mas,

para viverem bem. Neste sentido, o fim do Estado seria para fazer como que os cidadãos, tornassem bons cidadãos e os restantes homens (escravos, estrangeiros e mulheres e crianças), em homens de bem. Já no século XIX os filósofos e pensadores iluministas consideravam que as sociedades evoluíam do mais simples ao mais complexo, do primitivo a civilização. Bem, evolucionista e etnocêntrica ou não, a verdade é que esta era a crença de vários pensadores e cientistas da época, principalmente, ao testemunharem os avanços conseguidos pela revolução industrial e científica. A descoberta do antibiótico, o tratamento e cura de doenças até então julgadas incuráveis, a pavimentação das cidades, a emergência da democracia e das liberdades civis, tudo isso levava a crença de que o fim de qualquer sociedade e que o seu maior desiderato era a evolução e progresso.

Os anos 80 do século XX, constitui o período em que a humanidade, munida de várias

Cont. na pág. 2 ➔

PUB.



PETRÓLEOS DE MOÇAMBIQUE





ferramentas e condições inexistentes nos séculos passados como a tecnologia de comunicação e informação, o fim da colonização, a emergência da Sociedade Civil, desenvolvimento do Sector Privado, a criação da Organização das Nações Unidas, das Agências Internacionais e Regionais para o desenvolvimento, a humanidade se propôs a eliminar o subdesenvolvimento. Em Moçambique esta visão foi incorporada e consubstanciada no Plano Prospectivo Indicativo (PPI) que visava eliminar o subdesenvolvimento em uma década 1980 a 1990.

No País, muitos anos antes de terminar a década de 80, já estava claro que não seriam concretizados os objectivos do PPI. Vários foram os factores externos e internos onde destacam o conflito armado, a crise fiscal mundial, a Guerra Fria, o colapso da União Soviética entres outros. O balanço, o saldo mundial não tardou a chegar. Foi uma década perdida para eliminação do subdesenvolvimento a escala planetária, foi uma década conhecida internacionalmente como a de "Má-Governacção" e o que desenvolvimento continuava a ser um sonho nos Países Africanos e Latinos Americanos, da Ásia e do Leste Europeu.

Três anos após publicação do relatório "África Sub-Sahariana: Da Crise ao Crescimento Sustentável" (1989), que identificou a "Crise de Governacção" como o mais importante factor responsável pelos obstáculos ao desenvolvimento da África, o Banco Mundial, em 1992, no livro "Governacção e Desenvolvimento" lança o paradigma de Boa-Governacção como a matriz, o instrumento que permitiria aos Países de mundo inteiro lograr o tão almejado e sonhado desenvolvimento. Porque as lições apreendidas da década de 80 foram: O Estado é necessário, mas é insuficiente. Que o Mercado (Instituição de coordenação económica e apropriação do excedente) por si só não é solução, o Estado não deve navegar e deixar as Empresas remarem. A Sociedade Civil é importante no processo de governacção e na reforma do Estado, porque o Estado não deve auto reformar-se. Dai a importância da Boa-Governacção. Porque esta significa transparência, Estado de direito, participação, inclusão, prestação de contas e responsabilização.

A Boa-Governacção constitui

a esperança para o desenvolvimento. Deste modo, passou a ocupar o lugar central nos discursos e nas principais políticas moçambicanas.

Mas o desenvolvimento, este ainda não apareceu, não brotou do foro interior e exterior da sociedade moçambicana.

Significa que o País ainda não tem conseguido transformar os recursos naturais e humanos em desenvolvimento sustentável. E, à luz de tudo que acima foi dito sobre os fins das sociedades políticas e do Estado,



transparece que Moçambique tem faltado, tem-se eximido ou melhor tem gazetado ao encontro com a história – com o desenvolvimento.

Gérard Lebrun um notável estudioso francês contemporâneo, que lecionou por vários anos na Universidade de São Paulo, quando visitou o Brasil nos anos 90 após vários anos fora daquele País, vendo a precariedade de vida nas imensas favelas de São Paulo e Rio de Janeiro, o nível de criminalidade e miséria desabafou dizendo o seguinte: Acho que não irei mais ver o Brasil a encontrar-se com a história.

Actualmente, Brasil é a sexta maior economia do mundo, mas ainda não é um País desenvolvido. Há crescimento com miséria, desigualdades sociais acentuadas, e tal como Moçambique possui abundância de recursos naturais e níveis altos de crescimento económicos.

O século XXI inicia de forma espetacular. O mundo assiste a maior reunião de chefes de Estados da história (participaram 147 chefes de Estado e de Governo representando 191 Países), realizada entre os dias 6 a 8 de Setembro de 2000, na Cidade Nova Iorque (EUA). O produto final desta reunião foi a concepção dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), uma agenda global para o desenvolvimento que tem por finalidade reduzir para metade a percentagem de pessoas que vivem na pobreza extrema, fornecer água potável e educação a todos, inverter a tendência de propagação do HIV/SIDA e alcançar outros objectivos no domínio do desenvolvimento até 2015.

Os ODM são tão nobres, que acima de tudo, constituem um compromisso global para conferir a todos uma vida digna e decente. Mas de longe já se pode vislumbrar que apesar de tantos esforços empreendidos, não serão alcançados e hoje já se fala de agenda pós 2015.

É verdade que o desenvolvimento é um processo! "Roma não se construiu num só dia". Mas para quando o sonho e a promessa do desenvolvimento? Enquanto tempo vamos construir Moçambique? ■

PUB.

Captada nas Profundezas do Monte Matanine NAMAACHA.

Oferecida à Humanidade pela natureza.

Rica em sais filtrados lentamente nas entranhas das rochas.

Bom complemento nutricional.

Engarrafada na origem por: MULOSA, Lda
Tel/Fax: 21 303 814
Cell: 84 303 8140
Matanine
NAMAACHA
MOÇAMBIQUE

**Preservar de Luz:
do Calor e de
Odores Fortes**

A Fonte da Vida

PINGO DO MONTE®



ÁGUA MINERAL SEM GÁS

CONTEÚDO MINERAL:

Ph.....	7.35
Cálcio.....	2.40
Magnésio.....	2.44
Ferro.....	0.20
Sódio.....	50.00
Potássio.....	4.29
Bicarbonatos.....	73.81
Amónio.....	0.04
Nitratos.....	3.72
Cloratos.....	38.80

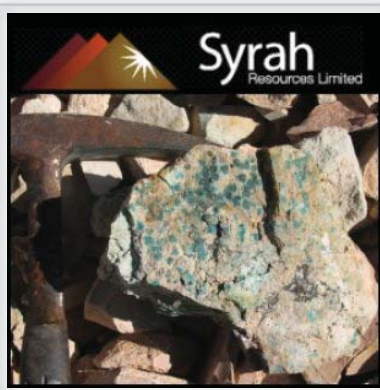


2588174044029

500ml

Syrah Resources vende activos não-estratégicos para se concentrar em Moçambique

Syrah Resources está a desfazer-se de participações não-estratégicas a fim de se concentrar na exploração de activos de grafite em África, particularmente no projecto Balama, em Moçambique, informou a empresa australiana por meio de um comunicado, citado pela Macahub.



A empresa acordou com a ANR Resources a venda por 900 mil dólares australianos da sua participação na Syrah Resources (KSA), que controla uma participação na Syrah Resources Saudi Arabia LLC, que dispõe de 25 licenças de exploração mineira no país.

O dinheiro desta venda, que será adicionado ao encaixado pela empresa na sequência de um aumento de capital de

6,2 milhões de dólares australianos, será aplicado nos projectos africanos, muito em particular no Projecto Balama, controlado a 100%, onde já foram iniciadas perfurações.

Este negócio segue-se a um outro divulgado no princípio do mês quando a Syrah Resources assinou um acordo com a Copper Strike para vender oito licenças de prospecção de areias minerais na Tanzânia.

Estas licenças, localizadas nas regiões costeiras nortenha e central do país, cobrem uma área de 1 350 quilómetros quadrados, o que exigiria muito tempo e recursos avultados para proceder à sua exploração

O projecto Balama, em Moçambique, já se diferenciou de outros depósitos de grafite no Canadá, na Europa e na Austrália através das reservas potenciais, qualidade elevada e da dimensão do minério recolhido na sequência de testes metalúrgicos. (fonte: macahub) ■



Moçambique: Primeira fase do abastecimento de gás a capital, Maputo, terá início em breve

A primeira fase do projecto de abastecimento de gás natural à cidade de Maputo e ao distrito de Marracuene vai iniciar-se em breve, estando a ser ultimada a constituição da empresa que vai gerir o empreendimento, disse um administrador da estatal Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH).

Tavares Martinho, administrador com o pelouro das pesquisas, disse que o projecto envolve, além da própria Empresa Nacional de Hidrocarbonetos, o grupo sul-coreano Korea Gas Corporation (Kogas) e ainda o município de Maputo.

Orçada em 80 milhões de dólares, a primeira fase consistirá na construção de um ramal a partir de Beloluane para a cidade de Maputo e ainda um anel de distribuição, inicialmente para abastecer os grandes consumidores, com destaque para hotéis, hospitais e indústria panificadora.

Na segunda fase, será a vez dos consumidores domésticos, altura em que o projecto será alargado da capital do país para o distrito de Marracuene.

Até ao momento, segundo Tavares Martinho, foram já concluídos os estudos de engenharia e de impacto ambiental, condições necessárias para a execução do projecto que se insere no âmbito da maximização do uso de gás natural extraído nos jazigos de Pande e Temane.

Refira-se que, em Moçambique, o gás disponível é usado pela Matola Gás Company, que fornece os consumidores industriais e comerciais da cidade da Matola, pela Auto-Gás, para o abastecimento de viaturas, e ainda pela Empresa Nacional de Hidrocarbonetos, que abastece consumidores domésticos e comerciais. (fonte: macahub) ■

“Moçambique é o segundo pilar de crescimento da Galp” - Ferreira de Oliveira

As recentes descobertas de gás natural na bacia do Rovuma, em Moçambique, vieram reforçar o potencial do país, que é apontado como o segundo pilar de crescimento da Galp Energia, a seguir ao Brasil.

O secretário de Estado da Energia, Artur Trindade, inicia hoje uma visita oficial a Moçambique que, entre outros objectivos, pretende apoiar a participação das empresas portuguesas em grandes projectos do sector.

“Moçambique será o nosso segundo pilar de crescimento”, afirmou o presidente executivo da petrolífera portuguesa, Manuel Ferreira de Oliveira, na semana passada, na apresentação dos resultados do 1º trimestre, realçando que a Galp tem pela frente “um projecto gigantesco na bacia do Rovuma”. Fonte: agência Lusa. ■



ENERGIA ALTERNATIVA

Putin, Ahmadinejad e Hollande participarão da Rio+20

Em conversas telefónicas havidas com a presidente brasileira, Dilma Rousseff, os presidentes recém-eleitos na França e Rússia, Hollande e Putin, confirmaram suas presenças na reunião Rio+20, a ser realizada no Rio de Janeiro de 20 a 22 de junho. O estadista iraniano, Ahmadinejad, também confirmou a sua presença na conferência sobre desenvolvimento sustentável, as informações foram prestadas pelo porta-voz da Presidência brasileira, Thomas Traumann.



Ahmadinejad



Putin



Hollande

Após inúmeras polémicas, 116 chefes de Estado e de Governo já confirmaram que estarão presentes na Rio+20. Em alguns casos, os governantes devem enviar ministros e assessores para o evento, devido às dificuldades com a agenda política interna.

O mais recente confirmado é o presidente do Irão, Ahmadinejad, que pretende usar o Rio de Janeiro, para melhorar a sua popularidade e ainda divulgar uma

nova campanha pelo programa nuclear, que já iniciou negociações com a Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA).

Novos temas a serem debatidos...

A ministra brasileira do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, disse que, "brevemente", serão anunciadas novas mudanças na governação em relação ao tema da conferência das Nações Unidas, a Rio+20. A discussão sobre os "Objectivos do Desenvolvimento Sustentável" pretende desenrolar a participação das energias renováveis.

Destino do programa da ONU divide países...

Às vésperas da última semana de negociações para o texto final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), em Nova Iorque, antes de os trabalhos serem transferidos para o Brasil, há diversas divergências entre os países em relação ao evento no Rio. Uma das principais, segundo o embaixador Luiz Alberto Figueiredo, é sobre o destino do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Apesar de "todos os países quererem o fortalecimento (do programa)", há divisões em relação à transformação do órgão em uma agência, diz Figueiredo.

A favor da transformação do PNUMA em uma agência ambiental com mais força e autonomia - nos moldes da Organização Mundial do Comércio (OMC) - estão países europeus e africanos. Contra, defendendo um fortalecimento, mas sem alterar o status de programa, estão os demais países, entre eles o Brasil. Um dos problemas para transformar um programa em uma agência, dentro da ONU, são os custos adicionais com a burocracia. (fonte: NN)

MINERAÇÃO

África deve receber US\$ 74 bilhões para quinze projectos

Segundo estudo do banco de investimentos Barclays, a região da África Ocidental deve receber US\$ 74 bilhões na próxima década para o desenvolvimento de 15 projectos de minério de ferro.



A maior parte dos projectos está em fase inicial, mas já está comprovada a existência de grandes reservas de minério de boa qualidade, com alto teor de ferro.

A instabilidade política pode inviabilizar os projectos na região. Outros problemas na região são a infraestrutura e a mão-de-obra qualificada.

Para tal, o Barclays acredita que são necessários a construção de 5 mil km de linhas ferroviárias, além de 11 portos ou expansões de terminais existentes. Fonte: Mineral Online ■

Dez países que estão a comprar terras estrangeiras aos montes

Países mais pobres da África e da Ásia, incluindo Moçambique, perderam grandes fatias de terras em transacções internacionais nos últimos 10 anos.

Mais de 83,2 milhões de hectares de terra em países em desenvolvimento foram vendidos em grandes transacções internacionais desde 2000, segundo estimativa de um relatório do projecto Land Matrix, que reúne esforços de uma série de organizações internacionais focadas na questão agrária. Pelo menos metade destas transacções foi reportada por fontes consideradas confiáveis pelo projecto.

Segundo o levantamento, a África é o principal alvo das aquisições, provocadas pelo aumento nos preços das commodities agrícolas e pela escassez de recursos naturais em alguns dos países compradores. Terrenos na Ásia e América Latina também estão na rota das compras. Os fins vão desde agricultura e mineração até cultivo de madeira e turismo.

Um dado preocupante levantado pelo estudo é que a maioria das aquisições se concentra em países pobres, pouco integrados à economia global e onde há graves problemas de fome entre a população local.

No caso de Moçambique, citando o semanário Savana, o executivo moçambicano terá colocado à disposição de agricultores brasileiros uma área de seis milhões de hectares (aproximadamente seis milhões de campos de futebol) no norte do país para o cultivo de cereais e algodão.

Ainda de acordo com a Agência de Informação de Moçambique (AIM), as autoridades moçambicanas da província de Nampula, no norte do país, disponibilizaram cerca de 30 mil hectares de terra arável a empresários vietnamitas que pretendem investir nas áreas de produção e processamento da castanha de caju, mandioca e madeira.

Entre os países mais procurados pelos investidores para a compra de terras estão Indonésia, Filipinas, Malásia, Congo, Etiópia, Sudão e o Brasil, que teve mais de 3,8 milhões de hectares vendidos para estrangeiros nos últimos 12 anos.

Saiba quais são os países que arremataram as maiores porções de terras estrangeiras desde 2000...

Índia: Os investidores indianos foram os que mais mostraram apetite no período analisado, comprando principalmente

terras no sudeste asiático. O país arrematou mais de 5,4 milhões de hectares de terras (um hectare equivale, aproximadamente, um campo de futebol), por meio de investidores dos ramos da indústria, madeira, agricultura e mineração.

China: A China comprou mais de 5,3 milhões de hectares de terras no exterior por meio de seus investidores. O alvo foram principalmente terras na África Central e no sudeste asiático. Empresas dos setores de madeira e agricultura lideraram as transacções.

Estados Unidos: Os Estados Unidos aparecem em terceiro lugar no ranking, tendo comprado mais de 4,1 milhões de hectares em terra estrangeira. O alvo principal dos investidores foi o continente africano, mas as empresas americanas também compraram terras no sudeste asiático e na América Latina.

Malásia: A Malásia adquiriu mais de 3,3 milhões de hectares em terras por meio de transacções internacionais. Em um único negócio, a multinacional Sime Darby Berhad comprou mais de 250 mil hectares de terra na Indonésia.

Reino Unido: Por meio de transacções internacionais, o Reino Unido arrematou mais de 3 milhões de hectares de terras. Em um dos maiores negócios registrados, a NRG Chemicals comprou 700 mil hectares de terra nas Filipinas.

Coreia do Sul: A Coreia do Sul adquiriu 2,6 milhões de hectares em terras fora de seu território, com destaque para

aquisições na África e Sudeste Asiático. A Kapa Ltda., por exemplo, adquiriu mais de 40 mil hectares de terra no Camboja.

Itália: A Itália comprou mais de 2,6 milhões de hectares em terras por meio de transacções internacionais. Em uma única transacção, um investidor desconhecido arrematou, em 2009, 2 milhões de hectares em terras para agricultura na Indonésia.

Israel: Os investidores israelenses compraram mais de 2,3 milhões de hectares em terras fora de seu território. Um único investidor comprou 2 milhões de hectares na República Democrática do Congo para agricultura.

Emirados Árabes Unidos: Mais de 2,2 milhões de hectares de terra foram comprados por investidores dos Emirados Árabes Unidos. AAI Ain National Wildlife comprou 1,6 milhão de hectares de terra para desenvolver actividades ligadas ao turismo no Sudão.

Arábia Saudita: A Arábia Saudita adquiriu mais de 2,2 milhões de hectares em terras estrangeiras. Entre as grandes aquisições, está a compra de 273 mil hectares nas Filipinas pela Eastern Renewable Fuels Corporation.



GÁS NATURAL



A Sasol petroleum ampliou a sua a sua capacidade de processamento de gás de Temane, para 183 milhões de gigas joules face aos anteriores 120 milhões de gigas joules produzidos anualmente naquela unidade do país, com o objectivo de responder a crescente demanda em Moçambique e na África do Sul. Trata-se de uma cerimónia que contou com a presença do chefe do governo moçambicano, Armando Emílio Guebuza, bem como, do PCE da Sasol, David E. Constable.

Sasol Moçambique: Produção de gás sobe de 120 milhões para 183 milhões de gigas joules por ano

O projecto de expansão inaugurado na última quarta-feira pelo Presidente da República, Armando Guebuza, no distrito de Pande, província de Inhambane, é o culminar de um investimento de 220 milhões de dólares americanos, além do facto de ter empregado mais de 600 moçambicanos e foi uma fonte significativa de criação de trabalho na área.

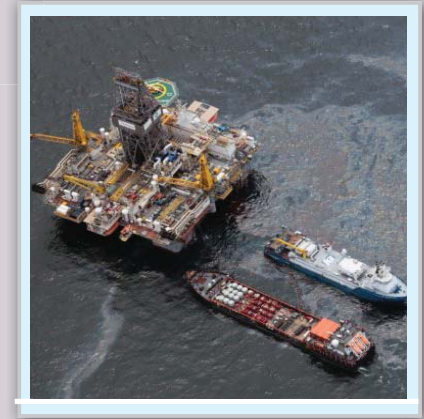
Para Guebuza, a expansão permite uma maior disponibilização do gás para o consumo local, incluindo para a construção e operação de uma rede de distribuição de gás natural na cidade de Maputo e no distrito de Marracuene, e a viabilização da construção de redes eléctricas em Chókwè (província de Gaza) e Ressano Garcia (província de Maputo).

Por outro lado, um valor significativo da economia moçambicana, 64 milhões de dólares americanos em mercadorias e materiais foram adquiridos de fornecedores moçambicanos. ■

BREVE

MERCADO

Conter derrames de petróleo vira negócio para petrolíferas

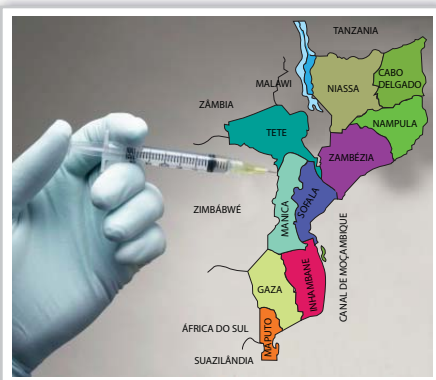


Várias empresas que desenvolveram novas maneiras de conter derramamentos de petróleo em alto-mar após o desastre da plataforma Deepwater Horizon estão a levar essas tecnologias para todo o mundo, esperando lapidar sua reputação e reduzir os riscos de uma actividade arriscada, mas lucrativa. Fonte: Valor, Empresas - Angel González ■

AINDA SOBRE SECTOR DE ENERGIA E MINERAÇÃO:

Moçambique recebe “vacina” contra a doença Holandesa

As últimas 3 semanas foram marcadas por dois grandes eventos ligados ao sector de energia e Indústria Extractiva em Moçambique. Primeiro, o Governo convidou os académicos da praça para explicarem como transformar os recursos naturais de Moçambique em riquezas, e, depois, o país recebeu a visita do notável cientista iraquiano Farouk Al-Kasim que salvou a Noruega da doença holandesa na década de 70 para dar lições sobre como prevenir a doença Holandesa em Moçambique.



No encontro organizado no dia 18 de Maio pelo Governo e dirigido pelo Primeiro-Ministro, Aires Ali, os académicos esgrimiram argumentos, apresentaram teorias e conceitos mas não convenceram o Primeiro-Ministro que esperava mais destes. Enquanto os nossos distintos académicos apoiavam-se em teorias clássicas e neoclássicas da economia, no formalismo, no frasealismo e verbalismo, o Governo esperava respostas práticas para a solução dos problemas urgentes e inadiáveis da sociedade.

A questão de fundo é que esse exercício

de consulta deve ser permanente e não ocasional, sendo ocasional, revelou-se uma armadilha para os académicos então despreparados.

Uma semana depois veio a Moçambique Farouk Al-Kasim, um especialista na prevenção da maldição dos recursos, concretamente a doença holandesa. O termo doença holandesa foi usado pela primeira vez em 1977 pela revista inglesa The Economist para referir à relação entre a exploração de recursos naturais e o declínio do sector industrial. O termo foi usado para descrever o processo de declínio pelo qual passava o sector industrial na Holanda após a descoberta de grande fonte de gás natural na década de 60.

As grandes lições ensinadas pelo académico Farouk Al-Kasim durante a sua estadia em moçambique são as seguintes: o Governo de Moçambique deve estar na vanguarda da exploração e gestão dos recursos naturais; o Governo é que deve ditar a regra do jogo e não as empresas; é preciso desenvolver outros sectores principalmente o da educação e explorar os recursos de forma gradual e sustentável. Continuaremos a analisar nas próximas edições estes assuntos. ■

Moçambique está em conversações com a Shell sobre desenvolvimento de projecto de Gás Natural Liquefeito

Moçambique está em negociações com a gigante do petróleo, Shell, sobre o progresso dos recursos de gás natural no país, incluindo um possível projecto de gás natural liquefeito (GNL), disse o presidente Armando Emilio Guebuza, citado pela Dow Jones.

ploração listada na bolsa de Londres, tem sido fomentado pela sua participação de 8,5% na Bacia de Rovuma, propriedade e pertencente a Anadarko Petroleum. A oferta da Shell foi saudado por analistas como um passo lógico para o maior exportador mundial de gás natural liquefeito. Com cerca de 30 trilhões de pés cúbicos contidos no campo do Rovuma, e nas proximidades, a italiana Eni que conta com duas vezes a quantidade da Cove, haverá quantidades suficientes de gás para justificar a construção de uma instalação de GNL para fornecer a alta demanda dos mercados asiáticos.

A Shell anunciou, recentemente, que recebeu o consentimento do Ministro dos Recursos Minerais de Moçambique para a aquisição dos 8.5 da Cove Energy.

Falando num evento em Chatam House, Guebuza disse que seu governo pretende aproveitar os recursos de hidrocarbonetos de Moçambique e recursos minerais. O país começou a ressurgir da sombra de uma devastadora guerra civil que terminou em 1992. Embora com o crescimento médio de 7,2% no ano passado, mais de metade da população ainda vive na pobreza, de acordo com o CIA Factbook.

“Os parceiros internacionais são bem-vindos para se juntar a nós nessa jornada, para que possamos um dia comemorar o fim da pobreza”, disse Guebuza, acrescentando que, “a nossa visão é transformar os nossos recursos minerais em uma força motriz para a transformação social”.

“Os parceiros internacionais são bem-vindos para se juntar a nós nessa jornada, para que possamos um dia comemorar o fim da pobreza”, disse Guebuza, acrescentando que, “a nossa visão é transformar os nossos recursos minerais em uma força motriz para a transformação social”.

“Estamos a trabalhar com a Shell”, disse o Presidente moçambicano. “É verdade. E acreditamos que no que eles dizem”, acrescentou.

O estadista moçambicano disse que seu país procura “negociar uma participação nos mega-projectos”, como uma fábrica de GNL, mas ressaltou que isso era do interesse do desenvolvimento de competências e das iniciativas locais de utilizar qualquer receita para o progresso da agenda social do país.

“Queremos que eles [empresas que investem em recursos do país] auferam lucros para os accionistas. Mas acima de tudo, queremos garantir que esses benefícios ajudem todo o povo moçambicano”, disse Guebuza.

A Shell elevou sua oferta pela Cove Energy, um sócio minoritário no enorme reservatório de gás natural na Bacia de Rovuma, em Moçambique, a 24 de abril. Embora 220 da Shell pence um lance partes combinadas somente uma oferta antes pelo tailandês indicada Exploração PTT propriedade e Produção (PTTEP), a Cove Energy recomendou a oferta da Shell a seus accionistas, argumentando que a longa experiencia da anglo-holandesa na área de exploração, produção e mais importante, exportações, o diferencia de seus concorrentes directos.

O interesse na Cove Energy, uma modesta empresa de ex-

ploração listada na bolsa de Londres, tem sido fomentado pela sua participação de 8,5% na Bacia de Rovuma, propriedade e pertencente a Anadarko Petroleum. A oferta da Shell foi saudado por analistas como um passo lógico para o maior exportador mundial de gás natural liquefeito. Com cerca de 30 trilhões de pés cúbicos contidos no campo do Rovuma, e nas proximidades, a italiana Eni que conta com duas vezes a quantidade da Cove, haverá quantidades suficientes de gás para justificar a construção de uma instalação de GNL para fornecer a alta demanda dos mercados asiáticos.

A Shell anunciou, recentemente, que recebeu o consentimento do Ministro dos Recursos Minerais de Moçambique para a aquisição dos 8.5 da Cove Energy.

Falando num evento em Chatam House, Guebuza disse que seu governo pretende aproveitar os recursos de hidrocarbonetos de Moçambique e recursos minerais. O país começou a ressurgir da sombra de uma devastadora guerra civil que terminou em 1992. Embora com o crescimento médio de 7,2% no ano passado, mais de metade da população ainda vive na pobreza, de acordo com o CIA Factbook.

“Os parceiros internacionais são bem-vindos para se juntar a nós nessa jornada, para que possamos um dia comemorar o fim da pobreza”, disse Guebuza, acrescentando que, “a nossa visão é transformar os nossos recursos minerais em uma força motriz para a transformação social”.



**ACESSE A NOSSA PÁGINA
E DÊ SUA OPINIÃO EM:**

<http://www.energiamocambique.co.mz>

ENERGIA & INDÚSTRIA EXTRACTIVA
Moçambique

Ficha Técnica

Concepção Maquetização e Produção
STATUS-Consultores de Comunicação

DISP. REG. N 5 GABINFO/DEC/2008

Morada: Av. 25 de Setembro, n° 1123
Prédio Cardoso

Telef.: +258 21 32 71 16/ 17
Fax: +258 21 32 71 17

Director: Inguila Sevene

Editor: Aunorio Simbine

Colaboradores: Nelson Charifo e Alexandre Dundo

Maquetizador: Luís Filipe Tembe

Email: status.energiamoz@status.co.mz

Website: www.energiamocambique.co.mz
www.status.co.mz

Botswana, um exemplo africano de exploração sustentável de recursos minerais: Porquê deve Moçambique seguir este exemplo?

Botswana é uma excepção na tragédia do crescimento da África Subsaariana, dizem Oliveira e Bruno (2009:8). As boas práticas devem ser seguidas. O exemplo do Botswana é prova de que os recursos naturais existem para proporcionar o bem-estar de pessoas, e levar ao fortalecimento económico, político e social dos estados.

Um olhar panorâmico sobre a exploração e gestão dos recursos minerais no Botswana pode fornecer importantes indicações sobre como Moçambique, país em estado incipiente na exploração dos recursos naturais, pode ter os seus recursos a serviço do progresso nacional. Botswana tem sido uma importante referência quando o debate é recursos minerais, transparência e desenvolvimento do e através do sector mineiro. O país tem conseguido com base na exploração de recursos naturais, proporcionar desenvolvimento económico e bem estar-social digna de menção e admiração internacional.

O Botswana tem uma área superficial de cerca de 581 730 Km², é um país localizado na África Subsaariana, na zona da África Austral, partilhando fronteiras com a Zâmbia ao norte, a Namíbia ao norte e noroeste e África do Sul que limita ao sul e sueste. O diamante é o seu principal recurso, apresenta também significantes reservas de cobre e carvão. Estes recursos constituem o "motor" da economia do Botswana, ainda porque é um país com potencial agrícola diminuta, tendo disponíveis somente 5%

de terras aráveis. Esta condição geográfica "caótica" mas compensada por uma condição geológica aprazível conduziu o país a concentrar-se na produção de bens dos quais estava melhor dotado, neste caso, os recursos minerais.

Com a produção dos recursos minerais, Botswana pôde dar importantes passos rumo ao desenvolvimento, passando a ser um exemplo africano, como aludem Corrêa et Lima (2010: 330) ao referirem que esse país, diferentemente da grande maioria dos países africanos, a abundância de recursos naturais somada a estabilidade política e económica, fez com que os investimentos estrangeiros transbordassem para os principais sectores da economia, ou seja, este país, para além de possuir riqueza de recursos naturais, conseguiu desenvolver um ambiente macroeconómico adequado, em uma estrutura com um sistema político democrático. Corrêa et Lima (Ibid.)

Entretanto, é importante referir que

Botswana não conheceu esse sucesso somente por dispor desse potencial mineiro, ou como diz Raposo (2007:1) a riqueza mineral por si só não explica o sucesso do Botswana. Para que esse país chegasse a esses níveis foram seguidos alguns princípios de desenvolvimento sustentável e de transparência governativa. Este é o ponto central. Basta olhar para os vários países africanos ricos em recursos minerais e o seu estado crítico em termos de estabilidade económica, política e social.

Mas o que terá feito Botswana para alcançar este sucesso? Raposo (2007:2) aponta aspectos políticos e culturais como o histórico de democracia saudável (transições políticas pacíficas) que é assegurada graças a existência de instituições sólidas e transparentes, e na vertente cultural, a

capacidade que tem havido de promoção da interacção entre a modernidade política e a tradição cultural através de consultas permanentes às principais tribos do país no processo de tomada de decisões estratégicas do país. ■

Ler mais na próxima edição da revista impressa Energia & Indústria Extractiva Moçambique...





O projecto Media Energia Moçambique recebeu recentemente o prémio Internacional a Qualidade em Nova Iorque na categoria de ouro, em reconhecimento a qualidade dos serviços prestados com recurso a inovação e as novas tecnologias de informação e comunicação. Ainda neste diapasão, Inguila Sevene, administrador da Status Consultores de Comunicação Lda, fala-nos sobre o significado do projecto, a premiação e a relação institucional com os diversos sectores.

EM: O que é o Projecto Media Energia Moçambique?

IS: O Projecto Media Energia Moçambique é um projecto especializado no sector da Energia e Indústria Extractiva que visa informar, educar, e permitir o incremento do acesso a informação e contribuir para a melhoria da transparência e boa governação. Foi concebido pela Status Consultores de Comunicação no âmbito da sua responsabilidade Social Corporativa (mass media) e é o primeiro e único projecto media especializado no sector, servindo-se das novas Tecnologias de Informação e Comunicação de forma a contribuir para o desenvolvimento de Moçambique.

EM: Qual é o significado deste reconhecimento para o projecto Energia Moçambique?

IS: Em primeiro lugar há que referir que qualquer reconhecimento, prémio ou elogio é sempre uma responsabilidade acrescida para que se produza melhor qualidade de informação, com mais investigação, com recursos a fontes credíveis, de forma a oferecer aos leitores informação com conteúdos de interesse público no que se refere ao sector em especialização. Em segundo lugar, significa o cumprimento do exercício de cidadania corporativa institucional, usando a comunicação como um meio de fomento ao tão almejado desenvolvimento. Em terceiro lugar, como dizia o presidente Samora

Machel, secundado pelo presidente Guebuza, "todos os moçambicanos tem a obrigação de ajudar a fazer a história de Moçambique", e com este projecto julgamos a estar a cumprir o nosso papel de cidadania na construção da história de Moçambique numa altura em que os recursos naturais do país têm sido a cobiça dos grandes mercados e não só.

EM: Estando a operar numa área de especialização, qual é a relação do projecto com os demais sectores?

A comunicação é fundamental para o desenvolvimento de qualquer sociedade ou organização. Ela constitui um mecanismo de gestão, planificação e um importante instrumento para promover a transparência e gestão de expectativas e boa governação. A comunicação é transversal e assim deve ser entendida.

Tal como o sector de energia e indústria extractiva é considerado o coração da economia, assumimos que a comunicação também o é.

O Projecto Media Energia Moçambique, estando ancorado ao sector da energia e indústria extractiva, não pode ser visto de forma isolada, porque o desenvolvimento é um processo multidimensional e deve ser sempre visto de forma holística e integrada.

Em relação ao sector público, como é de conhecimento, o acesso a informação e o apoio não tem sido dos melhores, a comunicação é posta em quinto plano, o

que dificulta o nosso trabalho e diminui a capacidade de acesso a informação ao cidadão, muitas vezes chega a ser conotado com a falta de transparência, secretismo entre outros adjectivos que mancham a boa governação. Não podemos nos esquecer que muito recentemente foi com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação que muitas ditaduras caíram, muitas democracias emergentes estão a ser postas em causa e até mesmo empresas e organizações faliram pela falta de comunicação interna e externa.

Em relação ao sector privado, é uma questão de tempo.

Quanto a sociedade civil, ela tem que se organizar e assumir que a comunicação não é somente apontar aspectos negativos, nem limitar-se a cobranças, mas sim ajudar a fazer o certo, ajudar a construir Moçambique e, para isso, é convidada a usar estratégias e as tecnologias de informação e comunicação.

EM: O que pretende transmitir?

Pretendemos dizer que o sector público, o sector privado, sociedade civil e outras organizações, na maior parte das vezes, não utilizam a comunicação como uma ferramenta de gestão organizacional. Algumas por falta de uma estratégia, outras por falta de conhecimento ou ignorância, e muitas delas usam a comunicação para práticas menos abonatórias, o que é frequentemente chamado de publicidade enganosa e até mesmo de responsabilidade social, isso não é comunicação de interesse público, muito menos a concretização do direito a informação.

EM: E após ganhar o prémio, quais passam a ser as perspectivas do Projecto Energia Moçambique para o futuro?

IS: O prémio não altera aquilo que tem sido a nossa perspectiva que é sempre o de tentarmos alcançar os nossos objectivos, pelo contrário, vai reforçar a nossa estratégia, consolidar as nossas parcerias, e por isso vamos convidar as empresas de energia e indústria extractiva nacionais e estrangeiras a abraçar este projecto, aliando as marcas, os seus produtos e serviços à marca Moçambique.

Não podemos deixar de agradecer a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) e a Petromoc, nossos parceiros neste projecto, que trilharam connosco este longo caminho até a atribuição deste prémio.

EM: Mais alguma recomendação?

IS: Pensamos que é o momento de criarmos o *empowerment* aos moçambicanos.

Ler mais na próxima edição da revista impressa Energia & Indústria Extractiva Moçambique...

QUALITY SUMMIT

NEW YORK

2 0 1 2

Certificate

NEW YORK CONVENTION 2012

**Projecto Energia Moçambique
Status Consultores de Comunicação, Lda.**

awarded with the

QUALITY SUMMIT
NEW YORK 2012

**GOLD AWARD FOR EXCELLENCE
AND BUSINESS PRESTIGE**

In recognition of the continuous search for
quality demonstrated by the achievement
of ongoing development and innovation
applied to solutions which create business results

New York, 28th of May, 2012



José E. Prieto

President and CEO of Business Initiative Directions



F:078-341-1063



Commitment of Projecto Energia Moçambique Status Consultores de Comunicação, Lda. to Quality

Our company accepts quality as a factor of development to become more competitive.

Projecto Energia Moçambique Status Consultores de Comunicação, Lda. is committed to publicizing this Quality Culture with employees, suppliers, clients and the community, supported by the QC100 Total Quality Management Model, the principles of which are the following:

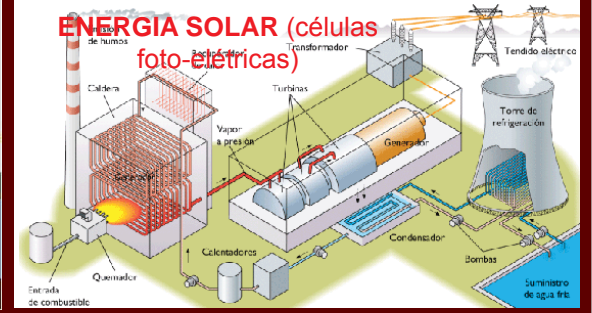
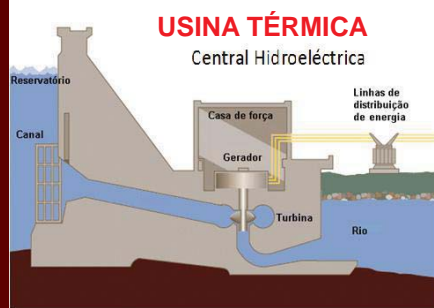
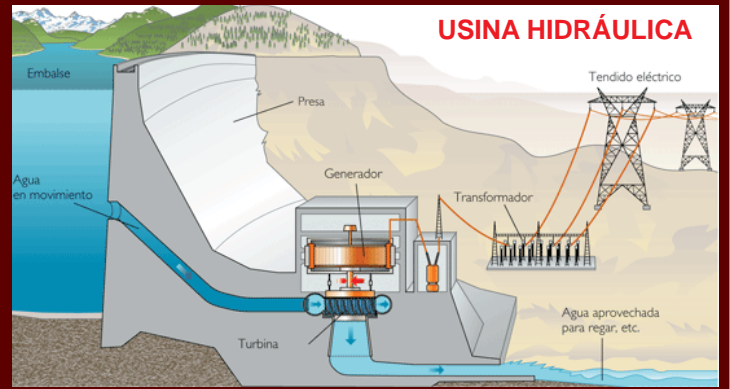
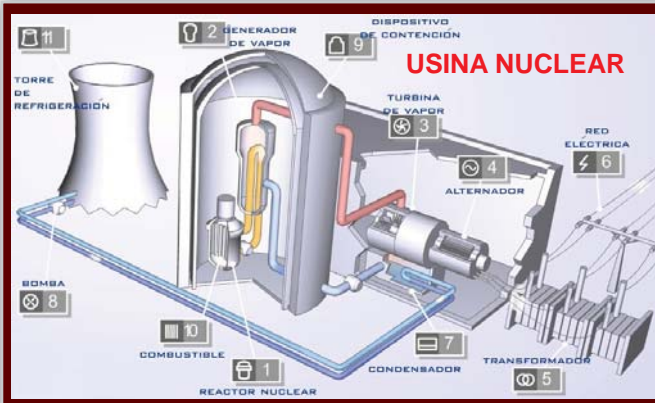
- 1** Quality is a consequence of valuing customer satisfaction and obtaining positive business results.
- 2** Meet the quality levels established in the company in accordance with the QC100 Points of Quality.
- 3** Encourage participation and teamwork for decision making.
- 4** Satisfy the needs of our clients and meet their expectations.
- 5** Provide human resources, both technical and economic, to achieve continuous improvement and respect for the environment.
- 6** Manage human resources in our company to achieve the maximum potential.
- 7** Make employees aware of the importance of concentration on the most profitable areas of activity, to achieve the best business results.

The achievement of these seven principles by Projecto Energia Moçambique Status Consultores de Comunicação, Lda. will foster improvement for clients, employees, suppliers and all of the other persons who make up the company.

New York, May 28, 2012



General Manager
Projecto Energia Moçambique Status
Consultores de Comunicação, Lda.



CURIOSIDADES

TIPO/FORMAS DE ENERGIA	VANTAGENS	DESVANTAGENS
USINA NUCLEAR	Não contribui para o efeito de estufa, é a fonte mais concentrada de geração de energia, quase nenhum impacto sobre a biosfera, não utiliza grandes áreas de terreno.	Custo proibitivo, polui o solo e apresenta risco de contaminação ambiental por radiação nuclear. Grande risco de acidentes catastróficos (v. Chernobil e Fukushima) e não há solução adequada para a grande quantidade de resíduos radioativos que permanecem perigosos por milhares de anos.
USINA HIDRÁULICA	Não polui o meio ambiente e baixíssimo custo de produção. Fonte 100% renovável e inesgotável. Matéria prima (água) cai do céu de graça.	Demora para ser construída. Necessitam de vazão elevada de água ou de grande altura de queda e ficam, deste modo, longe dos centros consumidores e, conseqüentemente, necessitam de longas linhas de transmissão.
ENERGIA SOLAR (células foto-elétricas)	Não polui o meio ambiente.	Custo proibitivo, só funciona durante o dia. A energia não tem como ser armazenada em grandes quantidades.
ENERGIA DOS VENTOS (eólica)	Não polui o meio ambiente.	Custo proibitivo, só funciona quando tem vento. É barulhenta e mata muitas aves, principalmente morcegos que são atraídos pelo silvo produzido pelas pás.
	Constrói-se em pouco tempo e em geral nas proximidades dos consumidores.	Polui muito o ar com CO2. Contribui muito com o efeito estufa. Boa parte é movida com queima de óleo combustível derivado do petróleo. Nos países da ex União Soviética tem muitas que são movidas a carvão mineral. As usinas modernas são movidas a gás natural.